

# Universidade

# Livre

Telefone n.º 4322

*Instruir é construir.*

V. HUGO

*A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até á morte.*

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

ANO III

N.ºs 27 e 28

MARÇO E ABRIL DE 1916

## SUMARIO:

### UMA CARGA

DE CAVALARIA Pag. 60

EPISODIOS DA GUERRA » 62

A MORTE DO LIDADOR » 65

Balancete do mês de Março de 1916 ..... » 69

Balancete do mês de Abril de 1916 ..... » 70

### LISBOA.

PROPRIETARIO: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦ ♦  
♦ ♦ ♦ ♦ ♦ Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: ♦ ♦ ♦ ♦ ♦  
♦ ♦ ♦ ♦ ♦ J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: ———  
——— Praça Luís de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia  
Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

### PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

# Propaganda patriótica

A Universidade Livre, no intuito de elevar os sentimentos patrióticos da nação, resolveu sacrificar a regularidade da publicação do seu boletim mensal a uma distribuição mais numerosa.

Assim o boletim passará a ter uma tiragem de 5000 exemplares; como consequencia deste excesso de despêsa cada volume corresponderá a dois meses.

Sem maior gravame para os nossos acanhados recursos, empenhar-nos-hemos numa missão altamente patriótica, reeditando e divulgando trechos brilhantes de feitos heroicos.

## Uma carga de cavalaria

(Cêreo do Pôrto)

Havendo sido infrutifera a coluna rialista de quatro mil homens, postada na baixa de Campanhã, a investida ali contra a linha, avançara sôbre a coluna liberal entre o Bomfim e Guelas de Pau. Os piquetes liberais retiraram para o seu corpo, que era um regimento belga. Se o regimento retrocede, a linha direita fica invadida, e a cidade do Pôrto, heroicamente defendida na linha esquerda, cairá nas mãos do inimigo.

Era no momento em que Saldanha, levado por uma das inspirações que tantas vezes lhe occurriam, chegava a Guelas de Pau.

Chega. Que vê? O regimento belga cedia, retirava em precipitação. O general intenta reuni-lo; já não é tempo.

— «Mandai os vossos portuguezes — bradaram-lhe os que retiravam. Uma linha formidavel de atiradores rialistas, sustentada por tres batalhões em coluna, investia já certa da vitória.

E' o momento supremo da batalha. Saldanha compreende-o num repente, olha em tórno de si para mandar avançar a reserva; nem um só corpo ha de reserva, nem um só esquadrão que sustenha a investida, nem só uma companhia que oponha ao ataque! Ficarâ naquele instante perdida a causa já vencedora na esquerda? Cairá o Pôrto depois dos esforços inauditos daquelle dia? Não ha fôrça? Ha êle. Não ha reserva ali? Será reserva aquele estado

maior. Não ha trincheiras? Trincheiras serão os peitos daqueles bravos. Então a história do mundo recolhe um facto que transmitirá admirada aos séculos. Saldanha num relance desembainha a espada, os dezenove officiaes do seu estado maior as desembainham com êle, vinte lanceiros que o acompanham enristam as lanças. O exercito rialista conquistará o Pôrto, mas por cima dos corpos daqueles quarenta herois. Vencer ou morrer é o pensamento unânime; e Saldanha, mandando-os rápidamente meter em linha, carrega, êle, o general em chefe, na frente daqueles bravos, sôbre o primeiro batalhão inimigo, que avançava alvoraçado.

O batalhão dá-lhes umas poucas de descargas á queima roupa. Que importavam aquelas descargas aos que já se consideravam os moribundos da Pátria?

Estavam já todos sôbre o batalhão; acutilam-no; debanda para os flancos, debanda para a rétaguarda, envolve o segundo batalhão, os dois envolvem o terceiro, debanda tudo, até irem buscar a salvação na coluna de Campanhã, de que haviam destacado, e por fim retira tambem.

O general Saldanha, no meio dum fogo infernal, salvava com aquele ultimo acto a cidade e a causa do Pôrto.

Mas quê? Quasi a seu lado caíra mortalmente ferido (sucumbindo horas depois) o seu fiel amigo e ajudante ás ordens ha dezesete anos, D. Fernando de Almeida, e em roda via feridos tambem do estado maior, que o acompanhavam... Entrava a cidade; aclamava-o o exercito, a população aclamava-o. Vinham-lhe risonhos os lábios, nos olhos borbuhavam-lhe lágrimas. A sua brilhantissima espada despedaçara a do conquistador de Argel, mas a sua alma perdera um dos seus primeiros amigos.

D. ANTONIO DA COSTA

(Historia do Marechal Saldanha)



## Episodios da Guerra

### Em pé os mortos!

Dos episodios, ocorridos nesta grande guerra, onde os feitos heroicos quer individuaes quer colétivos são numerosos no exercito francez, nenhum é mais conhecido do que o de «Em pé os mortos»! Jornalistas, pintores e poetas, teem-no popularisado. No futuro, sem duvida será posto em paralelo com o feito do cavalleiro d'Assas gritando: «A mim, Auvergne!» Comtudo, ele entrou no dominio do publico como se fosse uma lenda. Não se podia situa-lo nem individualisa-lo. Não trazia sequer um nome de logar, nem de personagem. Onde se tinha passado? Quem tinha chamado os mortos? Não o podia dizer ninguem. Num artigo celebre do «*Echo de Paris*» Mr. Maurice Barrès, afastou o veu, e revelou então a verdade historica. Fixava um logar: o Bois Brûlé. Citava um nome: Ajudante Pericard. Da propria boca que tinha gritado: «Em pé os mortos» tinha ouvido a narrativa, conservando-lhe todavia um ar lendario. A nota tornada official resume laconicamente os factos, mas eles são suficientemente eloquentes. O grito «Em pé os mortos» foi pronunciado a 8 de Abril de 1915 pelo ajudante Pericard, do Regimento de Infantaria, actualmente tenente do—Regimento; foi durante o periodo dos ataques do mez de Abril no Bois Brûlé; uma trincheira conquistada na vespera pelos primeiro e terceiro batalhões, estava sendo objecto dum violento contra-ataque; os occupantes recuavam e uma trincheira de ligação ia ser invadida pelo inimigo. O ajudante Pericard que tinha tomado uma parte gloriosa na acção da vespera e que estava de reserva, juntou alguns voluntarios da sua companhia e lançou-se sobre o inimigo. A trincheira foi retomada depois dum combate prolongado e terrivel, no decorrer do qual Pericard sentindo os seus homens enfraquecer e não vendo senão mortos e feridos em volta de si, gritou: «Em pé os mortos!»

Por este feito, o tenente Pericard foi citado na ordem do exercito N.º 136 de 13 de Agosto de 1915:

## ORDEM GERAL N.º 136

«O general commandante do corpo do exercito cita na ordem do dia o alferes Pericard do Regimento Companhia: transferido a seu pedido, do exercito territorial para um corpo da 1.ª linha. Dum valor moral comprovado, colocado a 7 de Abril de 1915 com a sua secção, numa trincheira conquistada, resistiu durante 24 horas, debaixo duma chuva de granadas. Sendo rendido no dia 8 e encontrando tropas abaladas por um contra-ataque, tomou ele mesmo o comando e levou-as para a frente retomando a trincheira um pouco antes evacuada».

Mas para restituir ao episodio a sua verdadeira fisionomia, é preciso coloca-lo no seu lugar. Nesta guerra de nações, não ha por assim dizer uma acção isolada. Cada acção faz parte dum conjunto, concorrendo para um fim geral, e não pode ser tratada á parte a não ser por um artificio. Os ataques de Bois Brûlé em 5, 6, 7 e 8 de Abril de 1915, não são mais do que um episodio no decurso das operações que foram empreendidas nesta data, na região de Saint-Mihiel e que, apesar das mais terriveis intemperies que se podem imaginar, confinaram em sucessos importantes. As tropas mostravam-se admiraveis de arrojo e resignação, sob torrentes d'agua e em frente dum inimigo que possuia então uma superioridade, depois perdida, na quantidade de engenhos destinados á luta das trincheiras.

Dum extremo ao outro das linhas transmitem-se as novidades, cheias de entusiasmo, excitando a emulação. Sabia-se em Bois d'Ailly que se ganhava em Eparges; no Bois Brûlé que se ganhava em Bois d'Ailly e estas comunicações, inflamavam os combatentes.

O Regimento de Infantaria ao qual pertencia o ajudante Pericard, tinha por objectivo as trincheiras inimigas em frente do reducto de Bois Brûlé.

Em 5 de Abril o primeiro e terceiro batalhão, formando as avançadas, penetraram nas trincheiras demolidas pelos tiros das nossas bombas, mas não se puderam lá manter por causa das granadas que lhe foram lançadas pelo inimigo, que naquele momento possuia mais munições de trincheira do que nós. Em 6 os ataques foram repetidos com encarniçamento. Em 7 nós reentramos na trincheira já conquistada e ali nos mantivemos apesar das flutuações e das flexões. Em 8 a falta de granadas impediu-nos de mantermos os nossos ganhos. Travou-se uma lucta horrivel na frente da trincheira inimiga e que nós não nos podiamos decidir a deixar.

No combate do dia 7, o ajudante Pericard, que, com a sua companhia tinha estado de reserva nos dois dias precedentes, já se tinha distinguido á frente da sua secção. Tinha dirigido um combate horrivel para a conquista, entre a primeira e a segunda

trincheira inimiga, dum enorme funil, cavado por um dos nossos 220. Este funil communicava com uma trincheira de ligação *boche* e servia de alvo aos artilheiros alemães.

Foi preciso fazer o cerco a tiros de granadas. Os nossos homens precipitaram-se nele com o ardor duma matilha e treparam pela escarpa oposta em risco de se descobrirem e serem alvos dos tiros de espingarda. Era necessario agarrá-los pelo capote para conseguir disciplinar o seu ardor. Esta tropa heroica chegou a transpor o funil e a apoderar-se duma parte da trincheira que nele se abria. Ela arranjou uma barricada feita de sacos de terra afim de se proteger durante a noite que chegava. Teve a feliz surpresa de descobrir nesta trincheira que era larga e commoda, um vasto esconderijo onde os Boches tinham reunido granadas e presentes da Pascoa como: ovos duros, tabacos, conservas e ainda capotes e cobertores. Poder-se-ha imaginar a alegria dos nossos soldados. As granadas, sobretudo, que faltavam, foram acolhidas com gratidão. O inimigo tinha-lhes fornecido munições. Em 8 de Abril de manhã foram rendidos e foram comer e dormir numa trincheira de segunda linha; mas pelas 11 horas, alerta! Os Boches contra-atacavam. Ei-los de novo dirigindo-se para a primeira linha. As granadas choviam. Uma delas penetrando num abrigo, ali matou e feriu quasi uma meia secção reunida. Este tiro desgraçado provocou um panico que Pericard, seguido de alguns voluntarios, conseguiu suster. Ele arrojou-se, arrastando homens de diversas secções, chegou á primeira linha que estava destruida, possou-a, e na trincheira onde já na vespera, ele tinha podido manter-se, mandou refazer a barricada de sacos de terra mas sem avançar tanto como na vespera. Um tenente juntou-se lhe com alguns homens; conservava toda a calma nesta tempestade e preparava-se para agrupar os seus soldados, para um novo assalto, quando foi morto. Os alemães voltavam á carga. Os mortos e os feridos atulhavam a trincheira. Andava-se por cima de cadaveres. E as granadas inimigas ferviam. Foi então que o ajudante Pericard, cheio de desespero, ao pensar, que tantos sacrificios seriam inuteis, e que era necessario retirar, abandonando aqueles desgraçados, gritou «Levantai-vos, levantai-vos e vinde comigo!» A sua voz, o seu acento, tiveram o efeito de o galvanisar: Ele fez com os soldados que lhe restavam um supremo esforço e expulsou o inimigo. Ficou senhor do campo de batalha somente com um soldado. Ele conhecia assim uma felicidade inaudita, a felicidade da victoria. E só á noite é que recebeu ordem de retirar, visto que as secções visinhas, não tinham podido manter-se á sua altura.

## A Morte do Lidador

Trinta fidalgos, flôr da cavalaria, corriam á rédea solta pelas campinas de Beja; trinta, não mais, eram eles; mas orçavam por trezentos os homens de armas, escudeiros e pagens que os acompanhavam. Entre todos avultava em robustez e grandeza de membros o Lidador, cujas barbas brancas lhe ondeavam como flocos de neve sobre o peitoral da cota de armas, e o terrível Lourenço Viegas, a quem pelos espantosos golpes da sua espada chamavam o Espadeiro. Era formoso espectáculo o esvoaçar dos balsões e signas, fóra de suas fundas e soltos ao vento, o scintillar das cervilheiras, as côres variegadas das cotas e as ondas de pó, que se levantavam debaixo dos pés dos ginetes, como as alevanta o bulcão de Deus, varrendo a face da campina resequi-da, em tarde ardente de verão.

Ao largo, muito ao largo, dos muros de Beja vae a atrevida cavalgada em demanda dos mouros; e no horizonte não se vêem senão os topos pardo-azulados das serras do Algarve, que parece fugirem tanto quanto os cavaleiros caminham. Nem um pendão mourisco, nem um albornoz branco alveja ao longe sobre um cavallo murzelo. Os corredores cristãos volteiam na frente da linha dos cavaleiros, correm, cruzam para um e outro lado, embrenham-se nos matos, e transpõem-nos em breve; entram pelos canaviaes dos ribeiros; aparecem, somem-se, tornam a sair ao claro; mas, no meio de tal lidar, apenas se ouve o trote compassado dos ginetes, e o grito monotono da cigarra, pousada nos raminhos da giesteira.

A terra que pisam é já de mouros; é já além da frontaria. Se olhos de cavaleiros portuguezes soubessem olhar para traz, indo em som de guerra, os que para traz de si os volvessem, a custo enxergariam Beja. Bastos pinhaes começavam já a cobrir mais ondeado territorio, cujos outeirinhos aqui e ali se alteavam suaves. Pelas faces tostadas dos cavaleiros cobertos de pó corria o suor em bagas, e os ginetes alagavam de escuma as re-

des de ferro acareladas d'ouro, que os defendiam. A um signal do Lidador a cavalgada parou; era necessario repousar, que o sol ia no zenith e abrazava a terra. Descavalgaram todos á sombra dum azinhal, e, sem desenfrear os ginetes, deixaram-nos pacer alguma relva, que crescia nas bordas dum arroio vizinho.

Tinha passado meia hora. Por mandado do velho fronteiro de Beja um almogavar montou a cavallo e aproximou-se á redea solta duma selva extensa, que corria á mão direita. Pouco, porém, correu. Uma frecha despedida dos bosques sibilou no ar; o almogavar gritou por Jesus; a frecha tinha-se-lhe embebido no lado. O cavallo parou de repente, e ele, erguendo os braços ao ar com as mãos abertas, caiu de bruços, tombando para o chão, e o ginete partiu desenfreado atravez das veigas, e desapareceu na selva. O almogavar dormia o ultimo somno dos valentes em terra de inimigos, e os cavaleiros da frontaria de Beja viram o seu trance do repousar eterno.

«A cavallo! a cavallo!»—bradou a uma voz toda a lustrosa companhia do Lidador; e o tinido dos guantes ferrados, batendo na cobertura de malha dos ginetes, soou unisono, quando todos os cavaleiros cavalgaram dum pulo: e os ginetes rincharam de prazer, como aspirando os combates.

Uma grita medonha troou ao mesmo tempo além do pinhal da direita.—«Allah! Almoleimar!»—era o que dizia a grita.

Enfileirados em uma longa linha, os cavaleiros arabes saíram á rédea solta de traz da escura selva que os encobria; o seu numero excedia cinco vezes o dos soldados da Cruz; as suas armaduras lisas e polidas contrastavam com a rudeza das dos cristãos, apenas defendidos por pesadas cervilheiras de ferro, e por grossas cotas de malha do mesmo metal; mas as lanças destes eram mais robustas, e as suas espadas mais volumosas do que as cimitarras mouriscas. A rudeza e a força da raça gotico-romana iam ainda mais uma vez provar-se com a destreza e com a pericia arabes.

Como uma longa fita de muitas côres, recamada de fios d'ouro, e reflectindo ao longe mil accidentes de luz, a extensa e profunda linha dos cavaleiros mouros sobresaia na veiga entre as searas palidas que cobriam o campo: defronte deles os trinta cavaleiros portuguezes, com trezentos homens de armas, pagens, e escudeiros cobertos dos seus escuros involtorios, e lanças em riste, esperavam o brado de acometer. Quem visse aquele punhado de cristãos diante da cópia de infieis que os esperavam,

diria que, não com brios de cavaleiros, mas com fervor de martyres, se ofereciam a desesperado trance. Porém não pensava assim Almoleimar, nem os seus soldados, que bem conheciam a têmpera das espadas e lanças portuguezas, e a rijeza dos braços que as meneavam. Dum contra dez devia ser o iminente combate; mas se havia aí algum coração que batesse descompassado, algumas faces descóradas, não era entre os companheiros do Lidador que tal coração batia ou que taes faces descóravam.

Pouco a pouco a planura que separava as duas hostes tinha-se embebido debaixo dos pés dos cavalos, como no tórculo se embebe a folha de papel, saindo para o outro lado convertida em estampa primorosa. As lanças iam feitas; o Lidador bradára — «Santiago!» e o nome de Allah soára em um só grito por toda a fileira mourisca.

Encontraram-se! Duas muralhas fronteiras, balouçadas por violento terramoto, desabando, não fariam mais ruido, ao bater em pedaços uma contra a outra, que este recontro de infieis e cristãos: as lanças, topando em cheio nos escudos, tiravam deles um som profundo, que se misturava com o estalar das que voavam despedaçadas. Do primeiro encontro muitos cavaleiros vieram ao chão: um mouro robusto foi derribado por Mem Moniz, que lhe falsou as armas, e traspassou o peito com o ferro de sua grossa lança.

Deixando-a depois cair, o velho desembainhou a espada e gritou ao Lidador, que perto dele estava:

«Senhor Gonçalo Mendes, ali tendes, no peito daquele perro, aberta a séteira por onde eu, velha dona assentada á lareira, costume vigiar a chegada de inimigos, para lhes ladrar, como alcatéa de vilãos, do cimo da torre de menagem.»

O Lidador não lhe pôde responder. Quando Mem Moniz proferira as ultimas palayras, ele topára em cheio com o terrível Almoleimar. As lanças dos dois contendores haviam-se feito pedaços, e o alfange do mouro cruzou-se com a boa toledana do Fronteiro de Beja.

Como duas torres de sete seculos, cujo cimento o tempo petrificou, os dois capitães inimigos estavam um defronte do outro, firmes em seus possantes cavalos; as faces palidas e enrugadas do Lidador tinham ganhado a immobilidade que dá, nos grandes perigos, o habito de os afrontar; mas no rosto de Almoleimar divisavam-se todos os sinaes dum valor colerico e impetuoso. Cerrando os dentes com fôrça, descarregou um golpe tremendo sobre o seu adversario: o Lidador recebeu-o no escudo, onde o alfange se embebeu inteiro, e procurou ferir Almoleimar entre o

fraldão e a couraça; mas a pancada falhou, e a espada desceu faiscando, pelo coxote do mouro, que já desencravára o alfange. Tal foi a primeira saudação dos dois cavaleiros inimigos.

«Brando é o teu escudo, velho infiel; mas bem temperado é o metal do meu arnez. Veremos agora se na tua touca de ferro se embotam os fios deste alfange.»

Isto disse Almoleimar, dando uma risada; e a cimitarra bateu em cima da cervilheira do Lidador com a mesma violencia, com que bate no fundo do vale penedo desconforme, desprendido do pincaro da montanha.

O Fronteiro vacilou, deu um gemido, e os braços ficaram-lhe pendentos: a espada ter-lhe-ia caído no chão, se não estivesse prêsa ao punho do cavaleiro por uma cadea de ferro: o ginete, sentindo as rédeas frouxas, fugiu um bom pedaço pela campanha a todo o galope.

Mas o Lidador tornou a si. Uma forte sofreada avisou o ginete de que seu senhor não morrera. A' rédea solta lá volta o Fronteiro de Beja; escorre-lhe o sangue, involto em escuma, pelos cantos da boca; traz os olhos torvos de ira: ai de Almoleimar!

Similhante ao vento de Deus, Gonçalo Mendes da Maia passou por entre cristão, e mouros: os dois contendores viram-se, e, como o leão e o tigre, correram um para o outro: as espadas reluziram no ar: mas o golpe do Lidador era simulado, e o ferro, mudando de movimento no ar, foi bater de ponta no gorjal de Almoleimar, que cedeu á violenta estocada; e o sangue, saindo ás golfadas, cortou a ultima maldição do agareno.

Mas a espada deste tambem não errára o golpe: vibrada com ancia, colhera pelo hombro esquerdo o velho Fronteiro, e, rompendo a grossa malha do lorigão, penetrára na carne até o osso; e ainda mais uma vez a mesma terra bebeu nobre sangue godo misturado com sangue arabe.

«Perro maldicto! Sabe lá no inferno que a espada de Gonçalo Mendes é mais rija que a sua cervilheira!»

E, dizendo isto, o Lidador caiu amortecido: um dos seus homens de armas voou a socorrê-lo mas o ultimo golpe de Almoleimar fôra o brado da sepultura para o Fronteiro de Beja: os ossos do hombro do bom velho estavam como triturados, e as carnes rasgadas pendiam-lhe para um e outro lado involtas nas malhas descosidas do lorigão.

A. HERCULANO.

# Balancête do mês de Março de 1916

## DEVE (Receita)

Saldo do mês de Fevereiro . . . . .		192\$90
<b>Subscritores:</b>		
Cobrança deste mês . . . . .	102\$44	
<b>Efectivos:</b>		
Idem . . . . .	9\$50	
<b>Subsidios:</b>		
Da Assistencia — Fevereiro . . . . .	15\$00	
Do Ministerio da Instrução—Mês de Março . . . . .	<u>16\$66</u>	31\$66
<b>Publicações:</b>		
Lições de francês . . . . .	3\$24	
<b>Matriculas:</b>		
Por varias . . . . .	4\$30	
<b>Cartões de identidade:</b>		
Por varios . . . . .	2\$50	
<b>Estatutos:</b>		
Por varios . . . . .	\$20	
<b>Gastos gerais:</b>		
Recebido de José Fernandes . . . . .	1\$50	155\$34
		<u>348\$24</u>

## HAYER (Despeza)

<b>Rendas adiantadas:</b>		
Pela de Abril . . . . .	35\$00	
<b>Propaganda:</b>		
Conta de Eduardo Rosa . . . . .	80\$00	
» de Lamas & Franklin . . . . .	<u>4\$00</u>	84\$00
<b>Biblioteca:</b>		
Arranjo de mapas . . . . .	1\$10	
<b>Percentagens:</b>		
Pagas aos cobradores . . . . .	11\$16,5	
<b>Gastos gerais:</b>		
Pelas deste mês . . . . .	72\$86	204\$12,5
Saldo para Abril . . . . .		<u>144\$11,5</u>
		<u>348\$24</u>

## Balancête do mês de Abril de 1916

## DEVE (Receita)

Saldo do mês de Março .....		144\$11,5
<b>Subscritores:</b>		
Cobrança deste mês .....	133\$31	
<b>Efectivos:</b>		
Idem .....	12\$60	
<b>Subsidios:</b>		
Da Camara Municipal—Março..	20\$00	
Da Assistencia—Março .....	15\$00	
Do Ministerio da Instrução mês de Abril .....	16\$66	51\$66
<b>Matriculas:</b>		
Neste mês .....	1\$30	
<b>Publicações:</b>		
Vendas .....	1\$74	
<b>Cartões de identidade:</b>		
Neste mês .....	1\$60	
<b>Gastos gerais:</b>		
Recebido de José Fernandes .....	1\$50	203\$71
		<u>347\$82,5</u>

## HAVER (Despeza)

<b>Propaganda:</b>		
Conta de Março e Abril de F. & Lamas...	21\$00	
» de Borges e Carvalho de Março ..	1\$76	
» de Eduardo Rosa de Março.....	18\$50	41\$26
<b>Percentagens:</b>		
Pago ao correio.....	\$58	
» ao cobrador Silva.....	5\$57	
» » » Evaristo .....	5\$27,5	11\$42,5
<b>Gastos gerais:</b>		
Pelos deste mês.....		71\$50,5
<b>Rendas:</b>		
Pela de Maio.....		35\$00
Saldo para Maio .....		188\$63,5
		<u>347\$82,5</u>